

“publicações de pequeno fôlego e destinadas quase sempre ao efeito do dia em que saem à luz (e que) não se julgam ordinariamente dignas de encardenação e dentro de poucos anos desaparecem, roubando à história um subsídio valioso e muitas vezes à literatura um tesouro inestimável”,

no dizer de Ramiz Galvão — é que constituem a matéria do trabalho ora analisado. Estes oitenta e cinco volumes de opúsculos sobre história e literatura luso-brasileiras, desde o século XV ao XVIII, vem sendo objeto de pormenorizado levantamento analítico, desde longa data, por parte de Rosemarie Horch. Por ora, através do volume 92 de seus *Anais*, a Biblioteca Nacional coloca ao alcance de historiadores, pesquisadores da literatura e bibliógrafos, a primeira parte daquele levantamento, referente aos folhetos publicados entre 1481 e 1639. Fica a promessa de outro tomo, com início no período da Restauração de Portugal. A autora, especialista em livros raros, já havia publicado em 1963, uma *Brasileana* e, em 1969, um *Catálogo de Vi-lancicos*, de peças pertencentes à este mesmo acervo.

Obedecendo a uma disposição cronológica, os verbetes contem: nome do autor, data de nascimento e morte, quando conhecidas, ou o século em que viveu, se não; título da obra, seguido dos dados de local de publicação, casa editora, data, paginação e formato, completando-se a citação bibliográfica do folheto.

Os comentários que se seguem é que realmente revelam o conhecimento, o critério e o cuidado com que Rosemarie Horch dedicou-se a analisar os opúsculos. Buscando esclarecimentos nas mais conceituadas fontes nacionais e estrangeiras, cujo elenco ocupa as páginas de 49 a 62, e graças a leitura atenta que fez de cada um dos folhetos, foi possível à autora estabelecer características tipográficas, conteúdo, raridade, localização de outros exemplares, falhas de trechos, além de dados biográficos dos autores.

O trabalho, digno dos louvores dos cultores da gramática histórica, da literatura, da história política, da vida, sociedade e religião em Portugal e seu império nos séculos XVI e XVII, inclui obras, entre outros, dos consagrados Damião de Goes, Diogo de Teive, André de Rezende e de Pedro de Magalhães Gandavo, com sua “*História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*”.

HELOISA LIBERALLI BELLOTTO.

\* \* \*

MOTOYAMA (Shozo) (Organizado por). — *História da Ciência, perspectiva científica*. Coleção da Revista de História (nº XLVI). São Paulo. 1974. 317. pp.

Uma das boas recordações que guardo do saudoso Professor Heinrich Rheinboldt, fundador do Instituto de Química da Universidade de São Paulo,

prende-se ao interesse que o grande mestre sempre demonstrou pela História da Ciência. Quando secretário da Faculdade de Filosofia daquela Universidade, muitas vezes esteve Rheinboldt em minha sala conversando sobre o assunto. Sabendo-me professor de História perguntou-me ele, um dia, por que no Brasil se dava tão pouca atenção ao fascinante campo da História da Ciência. Entendia o saudoso mestre que nenhum cientista poderia sentir-se completo se não conhecesse muito bem a evolução pela qual passou, ao longo dos séculos, a sua ciência. E ele próprio dava o exemplo: químico renomado, já de alto conceito quando Teodoro Ramos o contratou para a então recém-fundada Universidade de São Paulo, detentor, inclusive, de prêmios internacionais, Rheinboldt era um apaixonado pela história de sua matéria, sobre a qual muito escreveu. Ao publicar um livro sobre Berzelius, fez questão de oferecer-me um exemplar, que guardo carinhosamente na biblioteca do Departamento de História de nossa Universidade Católica e no qual após curiosa dedicatória "ao Doutor Odilão". Rheinboldt nunca foi capaz de pronunciar meu nome e embora soubesse, obviamente, como escreve-lo, preferia grafá-lo tal como pronunciava. Assim, para ele, falando ou escrevendo, fui sempre o "Doutor Odilão"... E o mestre soube incutir em alguns de seus discípulos idêntico interesse: haja vista o excelente trabalho há pouco publicado pelo Professor Simão Mathias, num dos suplementos do centenário do "O Estado de São Paulo", sobre a evolução da Química no Brasil.

Se estou a evocar nestas linhas o saudoso Heinrich Rheinboldt, de quem, como disse guardo excelentes recordações, é porque fico a imaginar quanto ele, se, mercê de Deus, ainda estivesse entre nós, se sentiria feliz com o inusitado interesse que ultimamente vem despertando no movimento editorial brasileiro a matéria que ele tanto defendia, ou seja a História da Ciência. Não só uma importante editora de São Paulo abalançou-se a publicar a grande obra dirigida por René Taton, em doze volumes, como numerosos outros trabalhos de divulgação ilustram os catálogos das nossas diversas casas editoras, quer em livros originais quer, como no mais das vezes acontece, em traduções bem cuidadas. E como se não bastasse, surgem ainda movimentos editoriais em forma de fascículos ou de livros periódicos (como os da Editora Três) divulgando a vida dos grandes cientistas ou as etapas mais importantes da história das diversas atividades científicas, responsáveis pelo extraordinário desenvolvimento da civilização nos últimos dois séculos.

Mas, muito mais feliz Rheinboldt se sentiria se visse o recente volume publicado por iniciativa do benemérito Eurípedes Simões de Paula, intitulado "História da Ciência: perspectiva científica". Nele, Rheinboldt veria a concretização de um dos seus ideais: a sua Universidade interessando-se pela História da Ciência e promovendo, sobre o assunto, um Curso de Extensão Universitária, em boa hora realizado pelo Departamento de História exatamente com o objetivo de, no dizer de Simões de Paula, "servir de ponte cultural entre o setor chamado das Humanidades e as matérias ditas científicas". Foi assim, remata o diretor da Faculdade de Filosofia, que se estabeleceu

“um intercâmbio entre as duas áreas, com grande proveito”. Era exatamente a linha de pensamento do saudoso Rheinboldt. Nunca se conformou com a dicotomia absoluta que entre nós se fazia (e, salvo raras exceções, ainda se faz) entre as duas grandes áreas do conhecimento. O grande cientista faleceu sem ter tido oportunidade de ver, na sua Universidade, a mais leve sombra do que atualmente nela se faz. E vem bem a propósito que o primeiro trabalho incluído no volume que estou registrando verse sobre “A Química na Antiguidade”...

Ao organizar tal volume, reconheceu o Professor E. Simões de Paula o quanto são raros, em vernáculo, livros e artigos sobre História da Ciência, especialmente em nível mais científico. O volume 46 da “Coleção da Revista de História”, vem, pois, preencher sensível lacuna, ao abrigar nas suas páginas as dezesseis conferências proferidas no curso em boa hora promovido pelo Departamento de História da mais importante Universidade brasileira. Por ele se responsabilizou o Professor Shozo Motoyama, a quem se devem estas oportunas palavras na apresentação do volume: “Analisando a ciência dentro de duas coordenadas, ou seja, dentro do temporal e do estrutural, ela (a História da Ciência) fornece balizas imprescindíveis para a compreensão da mesma. Nesse sentido, a análise histórica dá os elementos para a compreensão da ciência enquanto cultura, ou então, como fator atuante na técnica de produção. Outrossim, ela é fundamental para as investigações acerca da lógica do Desenvolvimento científico, da epistemologia e do método. Não é por acaso que a Filosofia da Ciência tenta se aproximar cada vez mais dela nos últimos tempos. Ademais, a História da Ciência presta-se à divulgação. Divulgação esta, tão necessária nos dias de hoje. Ela serve de ponte de ligação entre o mundo hermético do cientista e o mundo convulso do homem comum.

O volume que vem de aparecer apresenta variadíssima gama de interesses, como bem o mostrará a simples enumeração da matéria nele contida: Química, Universidades medievais, Mecânica newtoniana, Mecânica clássica, Teoria da Relatividade, Botânica, Geomorfologia, Historiografia Contemporânea, Biologia, Educação, Biofísica, entre outros.

Ao registrar o volume 46 da “Coleção Revista de História”, espero me penitenciar da crítica que ainda há pouco fiz ao Departamento de História da Universidade de São Paulo por não ter cuidado do setor publicações, constatando que, há mais de vinte anos, sua série de “Boletins” acha-se interrompida, com uma exceção apenas para a reedição facsimilar de “O comércio varegue e o Grão-Principiado de Kiev”, tese de doutoramento de Simões de Paula, publicada pela primeira vez nos idos de 40. Mas, se por circunstâncias, certamente de ordem econômica, os “Boletins”, não mais têm vindo a lume, ocorre em benefício dos interessados o mesmo Simões de Paula com a sua generosidade, franqueando as páginas de sua “Revista de História” (que acaba de atingir o n.º 100) inclusive para a publicação de teses de mestrado e de doutorado, para as quais a mais indicada seria, naturalmente, a coleção

de "Boletins". Mas ainda bem que existem homens como Eurípedes Simões de Paula, com seu total desprendimento e espírito de benemerência.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

\* \*

\*

GUSDORF (Georges). — *De l'Histoire des Sciences a l'Histoire de la Pensée*. Editora Payot. Paris. 1966.

Apesar de tratar-se de uma publicação de quase 10 anos, este livro permanece atual, uma vez que muitas das críticas apresentadas permanecem válidas, o mesmo acontecendo com os caminhos propostos pelo autor, para uma renovação da História da Ciência.

Realmente, o contacto com um bom número de publicações neste campo, revela a falta de rigor metodológico ainda existente. E Gusdorf não apenas diseca a Historiografia existente, como propõe, como o título do livro indica, que a única saída válida para a História da Ciência é uma abertura para a História do Pensamento.

O exame do próprio termo História da Ciência, leva o autor a uma análise do que seja a "Ciência", com um retrospecto rápido das significações tomadas pelo termo latino *scientia*, até o século XVII. Esta análise leva o autor à conclusão de que "a Ciência é uma variável histórica" (p. 15), ponto básico para as discussões posteriores.

A seguir é apresentada uma retrospectiva da História da Ciência desde Francis Bacon até o século XX, chegando por fim à apresentação de críticas e caminhos válidos a serem seguidos.

Suas críticas têm por base a tese de que a Ciência não é autônoma, mas "a expressão legítima de uma das atitudes que o pensamento humano pode adotar frente ao mundo" (p. 187) e como história de uma forma de pensamento, a História da Ciência deve por em destaque o pensamento global de um indivíduo, o que pressupõe a análise do panorama cultural de uma época dada. Dai ser a História da Ciência inseparável de uma História da Inteligibilidade (p. 182).

As críticas se voltam contra a História dos eventos (preocupada com a aquisição de verdades particulares); contra a construção regressiva da História da Ciência (que perde a visão da ciência da época passada) e contra a História da Ciência como uma História da verdade, já que os fatos devem ser interpretados em função da situação de conjunto (p. 160 a 180).

Como um programa inicial de pesquisa, o autor propõe o inventário de significações e valores que povoam o universo do conhecimento (p. 257), aproximando-se do programa já apresentado por Lucien Febvre no seu *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle*.